

REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES NO MEDIEVO

Charles Roberto Ross Lopes¹

Resumo: A noção que determinada configuração social produziu em relação aos sexos, vincula-se a sua própria compreensão do que é ser homem e mulher. Assim, a construção das masculinidades deve ser compreendida como um processo histórico-cultural. Nesse viés, esse ensaio irá explorar as representações referentes ao modelo de masculinidade tecido no Reino Ibérico de Castela ao longo do século XIII.

Palavras-chave: Gênero, Masculinidades, Representação.

Devemos atentar para o fato de que nenhuma forma de sexualidade – e também de vivência dos gêneros – é natural ou espontânea, mas sim, produzida, ensinada e construída através de múltiplas instâncias e práticas. Assim como *ninguém nasce mulher, mas se torna mulher*,² ninguém nasce homem, mas se faz homem ao longo da existência. Aprende-se a viver como tal na cultura, pelos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis. As muitas formas de ser homem e mulher são ensaiadas na cultura, e variam de acordo com os diferentes contextos culturais e históricos.

Portanto, as identidades de gênero refletem uma construção social que apresenta uma história e um sentido político. Como destaca Gil Mihaely “la notion de genres (*gender*) est essentielle car elle constate que le sexe biologique ne détermine pas le sexe culturel, que le mâle et la femelle ne sont pas les «parents» des masculinités et féminités mais plutôt leur fondement symbolique”.³

¹ Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 1, 2 v.

³ “a noção de gêneros (*gender*) é essencial, pois nos faz constatar que o sexo biológico não determina o sexo cultural, que o macho e a fêmea não são os ‘genitores’ das masculinidades e feminilidades, mas seu fundamento simbólico”. (Tradução de minha autoria). MIHAELY, Gil. *Masculinités: corps, pouvoir et nature*. Texto inédito proferido em conferência no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Março de 2006.

2

Partindo desses pressupostos e levando em consideração que a Idade Média foi predominantemente masculina – masculinização essa expressa, sobretudo, nas relações sociais entre os sexos –, nos propomos a analisar o ideal de masculinidade presente no Reino Ibérico de Castela no século XIII. Pretendemos, ainda, examinar os esquemas, o habitus, o ideal viril e heterossexual que constroem e fortalecem a identidade e a dominação masculina no medievo.

Essa Idade Média masculinizada, marcada pela guerra e pela agressão (Duby, 1980), configura-se como um fértil campo de investigação sobre as relações sociais entre os sexos. Consoante Rejane Barreto Jardim:

o campo dos estudos medievais é um campo no qual as relações de gênero se apresentam de forma muito especial, e o discurso leigo e clerical sobre os corpos de homens e mulheres desse período é um discurso no qual se nomeia como o masculino e o feminino devem ser, o lugar em que os seres se estruturam numa intrincada rede de poder.⁴

A proposta dos estudos de gênero consiste em refletir como uma determinada visão de gênero foi construída e se impôs discursivamente a um grupo num determinado período e espaço. Dessa maneira, o gênero pode ser concebido como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, e como “um primeiro modo de dar significado as relações de poder”.⁵

Em busca de uma definição conceitual para masculinidade Robert Connell (1995) caracteriza-a como sendo uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, e salienta que, normalmente, há mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Dada esta pluralidade, não deveríamos falar

⁴ JARDIM, Rejane Barreto. Ave Maria, ave senhoras de todas as graças! Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Braz Augusto Aquino Brancato, p. 29.

⁵ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 05 – 22, jul. / dez. 1990.

3

em masculinidade, mas em *masculinidades*. Dentre as diversas masculinidades, há aquela que corresponde a um ideal cultural de masculinidade.

Portanto, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social, uma vez que as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. Além do mais, qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória.

Mesmo que o gênero masculino seja uma construção sócio-histórica, suscetível a variados desdobramentos e transformações ao longo do tempo, há uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas.

Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. [...] A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos.⁶

Nesse momento Connell possibilita-nos pensar numa certa aproximação com o conceito de *habitus* proposto por Pierre Bourdieu. De acordo com esse autor (1995), falar de *habitus* significa evocar um modo de fixação e de evocação de determinada estrutura pré-estabelecida. O *habitus* opera um trabalho de formação permanente dos sujeitos, tanto através do processo de familiarização com um mundo simbolicamente estruturado, quanto a partir de um empreendimento de inculcação coletivo, que promove uma transformação durável dos corpos e da maneira usual de usá-los.

Portanto, é a partir do mundo social, desse constante processo de formação dos sujeitos empreendido pelo *habitus*, que ocorre a construção dos corpos.

O corpo masculino e o corpo feminino, e muito especialmente os órgãos sexuais que, por condensarem a diferença entre os sexos, estão predispostos a simbolizá-la, são percebidos segundo os esquemas práticos do *habitus*,

⁶ CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185 – 206, jul. / dez. 1995, p. 190.

constituindo-se assim em suportes simbólicos privilegiados daquelas significações e valores que estão de acordo com os princípios da visão falocêntrica do mundo.⁷

Logo, devemos refletir sobre a construção da masculinidade enquanto um projeto perseguido ao longo de um período de muitos anos, intermediado por muitas voltas e reviravoltas. Um projeto coletivo, mas também individual.

Mas se tratando do universo masculino dessa *Idade dos Homens*,⁸ restam-nos apenas as transposições, as idealizações romanceadas ou pictóricas, isto é, as representações que configuram as masculinidades nesse período.

Conforme salienta Jardim, “ao longo do período medieval, muita tinta correu para explicar as vontades humanas, muito se escreveu sobre o lugar do homem e da mulher naquela sociedade, inúmeras representações foram criadas sobre aquilo que cabia a cada um dos sexos”.⁹

Dessa maneira, ao visualizarmos essas representações como uma matriz das práticas construtoras do mundo social, e das próprias relações sociais entre os sexos, é que podemos compreender os distintos discursos sociais, religiosos, jurídicos, médicos, políticos, etc., responsáveis pela elaboração das funções sociais adequadas ao masculino e ao feminino.

Portanto, as próprias diferenças entre o ser homem e o ser mulher fundam-se em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas. É a partir dessas construções que as classificações, distinções e hierarquizações entre os gêneros tornam-se inteligíveis. Nessa lógica, distintas e divergentes representações podem circular e produzir efeitos sociais.

Dentre o *corpus* documental empregado nessa discussão destaca-se as *Cantigas de Santa Maria*, cuja composição é atribuída ao monarca castelhano D. Afonso X, o Sábio. Essas, escritas em galego-português configuram-se como a maior obra não sacra em homenagem à Virgem

⁷ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133 – 184, jul. / dez. 1995, p. 149.

⁸ Conforme proposição apresentada por Georges Duby (1989) ao referir-se a Idade Média.

⁹ JARDIM, *op. cit.*, p. 27.

5

Maria e, são constituídas por um conjunto de aproximadamente 420 poemas, acompanhados de iluminuras e notação musical.

Provavelmente, Afonso X contou com o auxílio de um conjunto de colaboradores no processo de elaboração das *Cantigas*. Sob o mecenato do monarca, a *Escola de Tradutores de Toledo* reunia poetas de todo o ocidente românico, desenhistas, miniaturistas, músicos e tradutores, além de mestres e sábios do oriente, havendo uma verdadeira amálgama entre as culturas cristã, muçulmana e judaica.

En cuanto a la colaboración teológica y narrativa, tenemos que poner de resalto dos nombres: en primer término, el de fray Juan Gil de Zamora, franciscano, confesor y amigo del rey, [...] Otro colaborador sabido es Bernardo de Brihuega, clérigo de la corte que recogió códices hagiográficos para el rey, [...] Cabe imaginar que otros cooperadores en la tarea histórica hubiesen hecho aportaciones a los temas narrativos de las cantigas. Por lo que respecta a las *Cantigas* como obra lírica, habrá que buscar los posibles colaboradores entre los poetas gallegos y portugueses que frecuentan la corte, comenzando por el clérigo compostelano Arias Nunes, [...].¹⁰

Logo, as *Cantigas de Santa Maria* refletem um significativo pluralismo cultural característico da corte afonsina, na qual conviviam espanhóis, judeus e árabes.

No entanto, a principal contribuição dessa fonte assenta-se em seu conteúdo ético, uma vez que nos possibilita entrever parte considerável da conduta normativa que não só orienta os comportamentos dos indivíduos no período explorado, mas também estrutura toda a construção ideológica expressa nessa composição afonsina. Nesse sentido, as *Cantigas de Santa Maria* podem ser vinculadas ao gênero do *exemplum*, sobretudo pelo seu caráter didático e de predicação.

Las *Cantigas* están escritas, como aquellas otras obras alfonsíes, con una idea de ejemplaridad; los refranes condensan, a modo de “moraleja”, el deber del hombre que se desprende del relato; es frecuente la iniciación de la primera estrofa sentando una tesis que se va a demostrar, [...] y, en ciertas ocasiones,

¹⁰ VALVERDE, José Filgueira. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria, Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Editorial Castalia, 1985, p. XXXI-XXXII.

declarando, de manera muy explícita, cuál es la finalidad puramente didáctica, ejemplar, [...].¹¹

Enfim, esse cancionero configura-se como uma válida fonte histórica para o conhecimento de múltiplos elementos da cultura ibérica no medievo, bem como para a compreensão do ideal de masculinidade nesse universo simbólico, possibilitando refletir que a masculinidade é uma construção social e que nos mais diferentes contextos históricos e culturais ela é percebida e vivenciada de maneira distinta.

Ao longo do medievo, ainda que o masculino conforme os princípios teológicos seja orientado em direção ao espírito, à vontade que age e dá forma, ao conhecimento e à cultura, é possível constatar uma significativa vinculação do ideal de masculinidade à observância de uma conduta sexual adequada aos homens.

Segundo Jacques Rossiaud (2006), a relação carnal é um ritual de poder que está no centro da identidade masculina. Nesta perspectiva machista, a normalidade da relação confunde-se com uma penetração que, para ser plenamente viril, termina por uma ejaculação “natural”.

Para Jeffrey Richards (1993), havia uma teoria do amor erótico baseado no prazer sexual que se circunscrevia fora do casamento e deixava implícito que tanto os homens casados, quanto os solteiros, eram sexualmente ativos. Havia, portanto, uma tolerância social generalizada quanto à atividade sexual pré-marital e extraconjugal masculina no mundo medieval, independente da postura adotada pela Igreja.

Partilhando de uma concepção semelhante, Duby (1989) menciona que o campo da sexualidade masculina não se restringe absolutamente ao quadro conjugal. Numerosos indícios atestam o vasto e ostensivo desenvolvimento do concubinato, dos amores ancilares e da prostituição, assim como a exaltação, no sistema de valores, das proezas da virilidade.

O próprio Amor Cortês argumenta esse autor,

¹¹ *Ibid.* p, XLV-XLVI.

punha no ápice dos valores viris a veemência sexual e, para que se excitasse o prazer do homem, ele o convidava a disciplinar seu desejo. Na realidade, era um jogo de homens, no qual os prolongamentos da tentação e do perigo gerados pelas relações cortesãs e pela idealização da mulher por seu amante, apresentavam como finalidade maior o domínio e o controle do desejo masculino.¹²

O *fino amor* apresentava, pois, um caráter eminentemente pedagógico ao estabelecer uma hierarquia de poder entre os sexos, e orientar as relações sociais entre homens e mulheres. É evidente que a lógica desse jogo entre homens comprova que o poder e a dominação estão intrinsecamente vinculados ao masculino. Portanto é por intermédio desses mecanismos que se institui um processo de socialização dos indivíduos, onde tais sujeitos aprendem seus papéis.

Entretanto, ameaçando esse *eu* (viril e heterossexual), havia o *outro*, ou seja, os homossexuais. Ainda que a categoria homossexual tenha sido cunhada apenas no século XIX pelo médico alemão de origem húngara Karoli Maria Benkert é freqüente seu emprego pelos historiadores para designar relações afetivas e/ou sexuais entre homens no período medieval.¹³ Esse termo criado por Benkert, contrapunha-se a qualquer conotação moral negativa, vinculada a sodomia ou a pederastia, que evocavam o vício, a loucura e o abuso de crianças.

É importante destacar que a ciência do século XIX criou um conceito e uma teoria, mas não criou a homossexualidade. De acordo com Torrão Filho (2000), se o termo homossexual, e também heterossexual, foram criados neste século, não devemos crer que antes disso a própria homossexualidade e a heterossexualidade não existissem. O fato de alguma coisa não existir na linguagem não significa que ela não exista na realidade.

John Boswell (1985) salienta que o cristianismo em seus primeiros escritos não apresenta quase nenhuma condenação ao homossexualismo, que ainda seria praticado com relativa liberdade por vários séculos.

Somente, a partir dos séculos XIII e XIV a tolerância com relação à homossexualidade é cada vez menor no mundo medieval. Tanto o poder espiritual, quanto o poder temporal, desenvolveram um abrangente código de ética sexual, limitando qualquer possibilidade para a

¹² DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 61.

¹³ Consultar Le Goff (2007), Richards (1993), Boswell (1985), Torrão Filho (2000), entre outros.

8

transgressão. Era preciso vigiar, controlar e, sobretudo, punir publicamente todos aqueles que representassem um desvio à norma instituída. Dessa forma, os homossexuais deveriam ser extirpados do convívio social, ao representarem uma potente ameaça de contágio moral e físico ao restante da população.

É elucidativa a esse respeito a postura defendida por São Pedro Damiano em sua obra redigida entre 1048 e 1054, e intitulada *Livro de Gomorra*. Livro ímpar da literatura cristã medieval, ao tratar das variadas formas de homossexualidade masculina ele nos revela a ocorrência de práticas homoeróticas, tanto entre leigos, quanto entre clérigos, e nos distintos estratos sociais.

Inicialmente o livro de São Pedro Damiano não teve uma acolhida muito boa. O Sínodo de Latrão, em 1059, aceita praticamente todas as sugestões de Damiano referentes à reforma do clero, exceto aquelas relativas à homossexualidade. O papa Alexandre II conseguiu colocar seu livro num cordial esquecimento, até que fosse ressuscitado meio século depois por Urbano II.

Em 1179, o Terceiro Concílio Lateranense havia imposto punições aos homossexuais – destituição e aprisionamento penitencial em mosteiros para infratores do clero; excomunhão para os leigos –, sanções essas, reforçadas e ampliadas pelo Quarto Concílio de Latrão de 1215. O código Justiniano havia prescrito a execução pública na fogueira para homossexuais, e isto configurou o modelo para os códigos de leis introduzidos pelas monarquias nacionais.

Isolamento, segregação e perseguição são os traços de uma sociedade autoritária, a qual requer de todos que sejam iguais, sob pena de morte. Para Richards (1993), esses aspectos pressagiam claramente uma mentalidade que buscava segregar, isolar e rotular as minorias desviantes ou dissidentes.

Como podemos verificar a partir das proposições desses autores, a identidade masculina reflete um comportamento extremamente viril que transcende ao domínio da sexualidade e perpassa toda a lógica das relações sociais entre os sexos no período, legitimando o processo de dominação masculina sob uma lógica heterossexista.

9

É importante destacar, também, a existência de uma verdadeira lacuna historiográfica quanto ao estudo das masculinidades na Idade Média. Só muito recentemente é que alguns medievalistas passaram a investigar essa temática. Além disso, o próprio interesse pela análise do gênero masculino é bastante prematuro na produção acadêmica, sobretudo se o compararmos com as abordagens que privilegiam a compreensão das feminilidades. Esses aspectos talvez expliquem a possível dificuldade de acesso a bibliografias específicas referentes às representações do ideal de masculinidade forjadas pela sociedade medieval.

Referências Bibliográficas

- ALFONSO X, el Sabio. *Cantigas de Santa María*. Madrid: Editorial Castalia, 1986. 1, 2, 3 v.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 1, 2 v.
- BOSWELL, John. *Christianisme, tolérance sociale et homosexualité. Les homosexuels en Europe occidentale des débuts de l'ère chrétienne au XIV^e siècle*. Paris: Gallimard, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133 – 184, jul. / dez. 1995.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

10

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185 – 206, jul. / dez. 1995.

DUBY, Georges. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1980.

_____. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JARDIM, Rejane Barreto. *Ave Maria, ave senhoras de todas as graças! Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Braz Augusto Aquino Brancato.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/Feminino. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006. p. 137-50. 2 v.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. (dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

_____. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1993.

LEVER, Maurice. *Les bûchers de Sodome. Histoire des infâmes*. Paris: Arthème Fayard, 1996.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. Amour courtois, société masculine et figures du pavor. *Annales ESC*. Paris, v. 36, n. 6, p. 969 – 982, nov. / dez., 1981.

MIHAELY, Gil. *Masculinities: corps, pouvoir et nature*. Texto inédito proferido em conferência no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Março de 2006.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006. p. 477-93. 2 v.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 05 – 22, jul. / dez. 1990.

11

TORRÃO FILHO, Almícar. *Tribades Galantes, Fanchonos Militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Edições GLS, 2000.

VALVERDE, José Filgueira. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria, Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Editorial Castalia, 1985.